

Maria Clara Matias Oliveira<sup>1</sup>, Daniel Teixeira Maldonado<sup>2</sup>,

<sup>1</sup>Estudante do curso de Administração integrado ao Ensino Médio do Instituto Federal de São Paulo.

<sup>2</sup> Bacharel, Licenciado, Mestre e Doutor em Educação Física na Universidade São Judas. Realizou o Pós-Doutorado na Faculdade de Educação da USP. Professor de Educação Física do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo, do Mestrado Profissional em Educação Física do IFSULDEMINAS, professor colaborador do Mestrado Acadêmico em Educação Física da UNIVASF e Secretário Estadual do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE) – SP.

*Correspondência para: danielmaldonado@yahoo.com.br*

*Submetido em 13 de dezembro de 2022.*

*Primeira decisão editorial em 17 de maio de 2023.*

*Segunda decisão editorial em 30 de junho de 2023*

*Aceito em 06 de julho de 2023.*

## **PRÁTICAS CORPORAIS E CULTURA AFRO-BRASILEIRA NO PORTAL GELEDÉS: PROBLEMATIZAÇÕES POTENTES PARA A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR**

### **RESUMO**

Esse estudo possui como objetivo analisar as publicações realizadas no Portal Geledés sobre as relações étnico-raciais que atravessam as danças, lutas, ginásticas, esportes, jogos e brincadeiras. Trata-se de pesquisa qualitativa de interpretação de documentos em ambiente virtual online. Foram analisadas as reportagens publicadas no referido meio de comunicação sobre a temática em tela entre os anos de 2016 à 2022, por conta da conjuntura política conservadora que assolou o Brasil. O material empírico foi submetido à análise temática. Foram apuradas 157 notícias, sendo 60 de casos de racismo nas práticas corporais, 50 no

tem papel de figuras e/ou personagens das práticas corporais no combate as injúrias e 47 presentes na temática lutas incessantes dentro das práticas corporais. Dessa forma, se torna imprescindível que essa temática seja problematizada nas aulas de Educação Física Escolar.

**Palavras-chave:** Educação Física Escolar; Práticas Corporais; Cultura Afro-Brasileira.

## **CORPORATE PRACTICES AND AFRO-BRAZILIAN CULTURE ON THE GELEDÉS PORTAL: POWERFUL PROBLEMS FOR SCHOOL PHYSICAL EDUCATION**

### **ABSTRACT**

This study aims to analyse the publications made on the Geledés Portal on ethnic-racial relations that cross dances, fights, gymnastics, sports, games and games. This is qualitative research on the interpretation of documents in an online virtual environment. The reports published in the aforementioned media on the subject between the years 2016 to 2022 were analysed, due to the conservative political situation that devastated Brazil. The empirical material was subjected to thematic analysis. A total of 157 news items were collected, 60 of which were cases of racism in body practices, 50 on the topic of the role of figures and/or characters in body practices in combating injuries, and 47 on the topic of incessant fights within body practices. Thus, it becomes essential that this theme is problematized in Physical Education classes at school.

**Keywords:** School Physical Education; Corporal Practices; Afro-Brazilian Culture.

## **PRÁCTICAS CORPORATIVAS Y CULTURA AFROBRASILEÑA EN EL PORTAL DE GELEDÉS: PROBLEMAS PODEROSOS PARA LA EDUCACIÓN FÍSICA ESCOLAR**

### **RESUMEN**

Este estudio tiene como objetivo analizar las publicaciones realizadas en el Portal Geledés sobre relaciones étnico-raciales que cruzan bailes, luchas, gimnasia, deportes, juegos y juegos. Se trata de una investigación cualitativa sobre la interpretación de documentos en un entorno virtual en línea. Se analizaron los reportajes publicados en los citados medios sobre el tema entre los años 2016 a 2022, debido a la coyuntura política conservadora que asolaba Brasil. El material empírico fue sometido a análisis temático. Se recogieron un total de 157 noticias, de

las cuales 60 fueron casos de racismo en las prácticas corporales, 50 sobre el tema del papel de las figuras y/o personajes en las prácticas corporales en el combate a las lesiones y 47 sobre el tema de las luchas incesantes en el interior del cuerpoprácticas. Así, se vuelve fundamental que este tema sea problematizado en las clases de Educación Física en la escuela.

**Palabras clave:** Educación Física Escolar; Prácticas Corporales; Cultura Afrobrasileña.

## INTRODUÇÃO

Após o fim da ditadura cívico-militar no Brasil e o retorno de ares democráticos, no final dos anos 1980, a área de Educação Física passa a ser tensionada a dialogar com outros paradigmas de saberes, na perspectiva de produzir conhecimentos contra hegemônicos. Assim, a visão sobre o corpo e as práticas corporais, em uma perspectiva puramente biológica, e o discursoda aptidão física e do esporte como objeto de estudo, dava lugar a um olhar voltado para as questões das classes sociais, incorporando uma práxis da Educação Física Escolar que coloque os olhares das classes subalternizadas na sua centralidade (CAVALCANTI, 2022).

Nesse contexto, com a perspectiva de desconstruir o processo histórico colonial da Educação Física como área de conhecimento (FORMOSO, 2022; SOUZA, 2022), estudiosos(as) contemporâneos têm refletido sobre a possibilidade de se construir aulas de Educação Física Escolar em uma perspectiva antirracista, valorizando a identidade negra e colocando em evidência os saberes da cultura afro-brasileira que atravessam as práticas corporais (CORSINO; CONCEIÇÃO, 2016; NOBREGA, 2020).

Indo ao encontro dessas reflexões, Neira (2014) aponta que as práticas da cultura corporal podem ser compreendidas como uma parcela da cultura mais ampla que contempla todos os saberes e representações relacionados com as danças, lutas, ginásticas, esportes, jogos e brincadeiras. Portanto, mesmo compreendendo o fenômeno esportivo como hegemônico, entendemos que a produção epistemológica contemporânea da área de Educação Física evidenciou a cultura corporal com objeto de estudo da área, principalmente no contexto escolar.

Dessa forma, a escola pode ser um espaço privilegiado para problematizar os conhecimentos de grupos que foram historicamente marginalizados e subjugados em diversos contextos da sociedade, principalmente após a publicação da lei 10.639/2003. Especificamente nas aulas de Educação Física Escolar, as relações étnico-raciais que

atravessam as práticas corporais são temas potentes para efetivar a valorização da negritude brasileira (MALDONADO; NEIRA, 2021).

Na perspectiva de contribuir com esse debate, esse estudo possui como objetivo analisar as publicações realizadas no Portal Geledés<sup>1</sup> sobre as relações étnico-raciais que atravessam as danças, lutas, ginásticas, esportes, jogos e brincadeiras.

## **MATERIAIS E MÉTODOS**

Trata-se de pesquisa qualitativa de interpretação de documentos (SÁ-SILVA; ALMEIDA; GUINDANI, 2009) em ambiente virtual online. Na perspectiva de Lüdke e André (2003), a análise documental se constitui como uma técnica valiosa de abordagem de dados qualitativos, seja complementando as informações obtidas por outras técnicas, seja desvelando aspectos novos de um determinado problema. São considerados documentos quaisquer materiais escritos que possam ser utilizados como fonte de informação sobre o comportamento humano, sendo que a escolha do material de análise nunca é aleatória. Existe sempre alguns propósitos, ideias ou hipóteses guiando essa seleção.

Assim, essa pesquisa buscou respostas ao objetivo do estudo nos dados verbais das reportagens disponíveis nos endereços digitais do Portal Geledés, entre os anos de 2016 e 2022, por conta de um escopo editorial crítico, reflexivo e que valoriza a cultura negra. Nesse contexto, o portal é considerado uma organização da sociedade civil que se posiciona em defesa de mulheres e negros(as) por entender que esses dois segmentos sociais padecem de desvantagens e discriminações no acesso às oportunidades sociais em função do racismo e do sexismo vigentes na estrutura societária brasileira. Posiciona-se também contra todas as demais formas de discriminação que limitam a realização da plena cidadania, tais como: a lesbofobia, a homofobia, os preconceitos regionais, de credo, opinião e de classe social.

A investigação foi efetuada em etapas: 1. Exploração de todas as abas e links disponíveis do endereço eletrônico; 2. Localização das reportagens sobre as relações étnico-raciais e os jogos, brincadeiras, lutas, esportes, danças e ginásticas; 3. Leitura e seleção de todo o acervo digital que versa sobre a temática da pesquisa; 4. Análise temática 5. Organização dos temas em textos descritivos.

---

<sup>1</sup><https://www.geledes.org.br/>

O material empírico foi submetido à análise temática, que possibilita fornecer uma descrição mais detalhada e diferenciada sobre um determinado tema específico ou grupo de temas. Portanto, a análise temática envolve a busca a partir de um conjunto de materiais, sejam originários de entrevistas, grupos focais ou de uma série de textos, a fim de encontrar os padrões repetidos de significados, a partir de um constante movimento de reflexão crítica (BRAUN; CLARKE, 2006).

Utilizamos as seis fases da análise temática nessa pesquisa, como sugerido por Braun e Clarke (2006). Na fase 1, nos familiarizamos com os dados, mergulhando no material com a intencionalidade de alcançar com profundidade e amplitude o conteúdo. Na fase 2, produzimos códigos iniciais a partir dos dados. Ao iniciar a construção dos temas, entramos na fase 3 da análise temática, que se efetivou quando todos os códigos estavam codificados e agrupados no conjunto dos dados. Durante a fase 4, revisamos os temas e os extratos codificados, produzindo um refinamento da análise temática. Assim, entramos na fase 5 com a definição e denominação dos temas. A fase 6 foi organizada pela escrita dos dados produzidos, fornecendo uma análise concisa, coerente e lógica.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

A grande polêmica que envolve as questões étnico-raciais dentro das práticas corporais está tomando cada vez mais repercussão. A busca por voz e espaço cresce, com o objetivo de que o preconceito ou qualquer outro tipo de discriminação diminua, e que o respeito a diversidade cultural prevaleça. Dessa forma, nessa pesquisa será possível perceber que esta temática ainda precisa ser mais problematizada na sociedade contemporânea

Após todas as análises das reportagens selecionadas no Portal Geledés, foram apuradas 157 notícias, sendo 60 de casos de racismo nas práticas corporais, 50 no tema papel de figuras e/ou personagens das práticas corporais no combate as injúrias raciais e 47 presentes na temática lutas incessantes contra o racismo dentro das práticas corporais. Também é importante destacar que todos os temas foram analisados entre os anos de 2016 à 2022, por conta da conjuntura política conservadora que assolou o Brasil. Assim, a partir desse momento, iremos explicar cada uma das temáticas problematizadas, inspirados(as) mas publicações realizadas pelo meio de comunicação analisado.

### **CASOS DE RACISMO NAS PRÁTICAS CORPORAIS**

Dentro deste tema incluímos alguns dos episódios em que a discriminação e o preconceito prevaleceram no mundo das práticas corporais. Recolhidas do Portal Geledés, estas são cinco reportagens selecionadas para um maior aprofundamento, com o objetivo de mais uma vez falarmos sobre aquilo que está diante de nós o tempo inteiro, porém, muitas vezes optamos por nos abster de expor.

No ano de 2022, a reportagem de manchete: “Casos de racismo no futebol crescem nos últimos anos<sup>2</sup>”, tratou sobre o levantamento de um mapeamento realizado pelo Observatório da Discriminação Racial no Futebol. Informações destacaram um aumento dobrado dos episódios de racismo dentro da modalidade em 2014, 2017 e 2019 e uma considerável diminuição de acontecimentos como esse, devido a paralisação dos jogos em 2020 durante a pandemia.

Entretanto, a quebra do silêncio não pôde parar, e nomes como Gabriel Barbosa, o Gabigol, atacante do Flamengo e o jogador Vitinho, do São Paulo, com seus relatos escritos e falados, buscaram nesta reportagem levar a público a proatividade que se deve ter para lidar e evitar tais situações. É certamente, ocasiões como essa não ocorrem somente com esportistas em campo, mas também do lado de fora, ou atrás de uma tela virtual.

A realidade destacada acima reflete em um caso que aconteceu em 2021 e foi destacado na reportagem “Um em cada cinco jogadores brasileiros na elite europeia sofreu racismo em rede social<sup>3</sup>”, no qual foi feito um levantamento no início de agosto de 2020, pelo Jornal Folha de São Paulo, em que, observando as contas pessoais no *Instagram* dos jogadores, foi concluído que 23% dos que liberaram a conta de forma irrestrita tiveram comentários em suas fotos com ao menos um conteúdo discriminatório

A pesquisa abrangeu as cinco principais competições nacionais de acordo com o coeficiente da Uefa (federação europeia): Alemanha, Espanha, França, Inglaterra e Itália. Eram 105 jogadores brasileiros em clubes de primeira divisão nesses países. Desse total, 18 decidiram bloquear a conta e dos 87 que mantiveram as contas abertas, 20 receberam ao menos um comentário racista. Diante dessa realidade, outras diversas análises foram feitas e confirmaram também tal cenário, fazendo com que grandes nomes envolvidos com as práticas corporais apoiassem a causa contra as opressões de cunho racial.

---

<sup>2</sup> Disponível em: <https://www.geledes.org.br/casos-de-racismo-no-futebol-crescem-nos-ultimos-anos/>

<sup>3</sup> Disponível em: <https://www.geledes.org.br/um-em-cada-cinco-jogadores-brasileiros-na-elite-europeia-sofreu-racismo-em-rede-social/>

Para o diretor-executivo do Observatório da Discriminação Racial no Futebol, Marcelo Medeiros Carvalho, o aumento das ofensas nas redes sociais também está ligada com a postura de governantes. Até porque, houve certos discursos de cunho racista vindos também por meio deles. Enquanto isso, as plataformas em ações conjuntas trabalharam para a melhoria de suas medidas e fiscalizações.

Uma outra marca dolorosa, foi no ano de 2019, descrita na reportagem “No mês da consciência negra, relatório mostra recorde de ofensas racistas no futebol brasileiro<sup>4</sup>”, que demonstrou detalhadamente a sondagem parcial apontando para um recorde em 2019, em relação aos levantamentos dos cinco anos anteriores envolvendo clubes do futebol nacional. O relatório em si, contou com a abordagem de 13 casos envolvendo atletas brasileiros que atuam no exterior, apontando um panorama sério e preocupante que conta com o reflexo da atual sociedade em que vivemos.

“Acho que tem a questão do aumento das denúncias, mas também há uma piora no comportamento das pessoas. Estão se sentindo mais livres para fazer esse tipo de ação” – disse Marcelo Carvalho, pesquisador e fundador do Observatório da Discriminação Racial no Futebol.

A CBF (Confederação Brasileira do Futebol) decidiu adotar um tipo de protocolo que prevê punições às entidades em caso de atos discriminatórios nos estádios. Além disso, como visto na última rodada da Série A do período em que a reportagem foi publicada, os times entraram para jogar com camisas estampando campanhas contra o racismo. Um exemplo de ação que diz respeito a persistência que as práticas antirracistas devem ter.

Questões como o racismo afetam até mesmo os salários dos técnicos de futebol, que passam a ser menores, como é relatado na reportagem “Aliou Cissé, único técnico negro da Copa, tem o menor salário entre os 32 treinadores no ano de 2018<sup>5</sup>”. Assim, após uma pesquisa, foi tirada a conclusão de que o valor pago a Cissé é 1800% menor que o do primeiro colocado do ranking, o técnico da Alemanha Joachim Löw, na lista dos salários dos técnicos da Copa Mundial de 2018.

E assim como fez o treinador em levantar sua voz, nós não podemos nos conter com o silêncio em meio as desigualdades, diferentemente de como fez o jogador Neymar, no caso

---

<sup>4</sup> Disponível em <https://www.geledes.org.br/no-mes-da-consciencia-negra-relatorio-mostra-recorde-de-ofensas-racistas-no-futebol-brasileiro/>

<sup>5</sup> Disponível em: <https://www.geledes.org.br/aliou-cisse-unico-tecnico-negro-da-copa-tem-o-menor-salario-entre-os-32-treinadores/#:~:text=Aliou%20Ciss%C3%A9%20%C3%A9%20o%20menor%20sal%C3%A1rio%20de%20Ciss%C3%A9%20e%201800%25%20menor%20que%20o%20do%20primeiro%20colocado%20do%20ranking%2CJoachim%20L%C3%B6w.>

divulgado em 2016 na reportagem intitulada: “Neymar toma a pior decisão diante dos racistas. Imita Pelé. Não percebe. Seu silêncio é cúmplice do preconceito. Neymar precisa assumir que é negro. Graças a Deus...”<sup>6</sup>

“Não escutei os gritos. Não escuto coisas fora do campo. Só jogo futebol.” Essa foi a fala do atacante após um jogo tomado por urros preconceituosos no estádio Cornellà-El Prat. Todavia, para os entrevistadores e alguns comentaristas e torcedores, era impossível não se ter ouvido absolutamente nada. O jogador foi tido como mais um que ouviu e aceitou calado, não se importando como o público esperava, levando-se também em conta a sua grande representatividade no futebol. Seu pai, sendo uma das pessoas que mais influenciam na carreira do jogador, acredita estar protegendo o filho, evitando que ele se posicione no que chama de “assuntos polêmicos”.

E a ação acatada por Neymar fez com que o público o comparasse com o ex-futebolista brasileiro, Pelé. Nesse sentido, na opinião de Paulo Cesar Caju

“Pelé contribuiu para o racismo. O rapaz é o atleta do século, a figura mais popular do mundo e não usa isso para brigar por causas justas. (...) Se ele tivesse um pouco de noção ou sensibilidade, faria uma revolução neste caso [racismo]. Ele tem mais repercussão que líderes políticos e religiosos”.

Todavia, Pelé mencionava que não podia pedir para que todos os jogos fossem paralisados quando sofria atos racistas, pois isso acontecia o tempo todo durante as partidas, como destaca a reportagem em uma fala do ex-jogador.

“Se eu fosse querer parar o jogo cada vez que me chamassem de macaco ou crioulo, todos os jogos iriam parar. O torcedor grita mesmo. Temos que coibir o racismo. Mas não é num lugar público que você vai coibir. O Santos tinha Dorval, Coutinho, Pelé... todos negros. Éramos xingados de tudo quanto é nome. Não houve brigas porque não dávamos atenção. Quanto mais se falar, mais vai ter racismo”.

Em uma entrevista no ano de 2019, Neymar foi indagado se já havia sofrido com o racismo e ele fez destas suas palavras: “Nunca. Nem dentro e nem fora de campo. Até porque eu não sou preto, né?”. Esse episódio e alguns outros foram novamente lembrados nesta reportagem de 2016, como prova de que o jogador não preza por suas origens.

---

<sup>6</sup> Disponível em: <https://www.geledes.org.br/neymar-toma-a-pior-decisao-diante-dos-racistas-imita-pele-nao-percebe-seu-silencio-e-cumprido-do-preconceito-neymar-precisa-assumir-que-e-negro-gracas-a-deus/>

Falar sobre racismo é também lembrar exemplos de pessoas que não utilizaram da influência que possuem para propagar atitudes antirracistas. Como sabemos, já não basta não sermos racistas, mas é preciso ter atitudes antirracistas.

Por fim, é preciso ressaltar que dentro desta mesma categoria temática existiram reportagens em que a prática da injúria racial aconteceu acompanhada de demais questões, como a homofobia e desigualdades de gênero. O inadmissível ainda acontece talvez não tenha absolutamente um fim, mas enquanto nação e mundo afora é de nossa responsabilidade a busca por uma conduta mais ética e justa.

Nesse aspecto, problematizar as relações raciais, sexuais e socioeconômicas que atravessam as manifestações da cultura corporal é considerado extremamente relevante para sistematizar uma prática político-pedagógica crítica na Educação Física Escolar, possibilitando que crianças, jovens, adultos e idosos participantes das aulas do componente ampliem a sua leitura de mundo a partir de diferentes linguagens produzidas pela humanidade sobre as danças, as ginásticas, as brincadeiras, os jogos, os esportes e as lutas (MALDONADO, 2021; MALDONADO; FARIAS; NOGUEIRA, 2021).

Nesse contexto, outras reportagens que não foram selecionadas para este detalhamento em razão da proposta de tamanho do artigo, trazem ainda manchetes como: “Irmãs de 16 anos são alvos de racismo e sexismo no RallyDaker, FIA repudia<sup>7</sup>”; “Brasileiro Fred do Manchester United, é alvo de racismo no *Instagram*<sup>8</sup>”; “Novo caso de racismo com Balotelli agora vem do próprio presidente<sup>9</sup>”; “Goleada Inglesa é manchada por racismo da torcida búlgara<sup>10</sup>”; “Os campos e a cor: um caso de racismo por semana no futebol em 2017<sup>11</sup>”; “DiafraSakho critica racismo no West Ham: ‘Eles não querem jogadores negros<sup>12</sup>’”, dentre outras, que dialogam com a categoria temática, tratando a respeito do crescimento de opressões raciais, sexuais e econômicas dentro e fora das redes, em que esportistas são humilhados e ironizados, além de locais esportivos se tornarem também palcos de episódios que fortalecem a discriminação e os preconceitos.

---

<sup>7</sup> Disponível em: <https://www.geledes.org.br/irmas-de-16-anos-sao-alvos-de-racismo-e-sexismo-no-rally-dakar-fia-repudia/>

<sup>8</sup> Disponível em: <https://www.geledes.org.br/brasileiro-fred-do-manchester-united-e-alvo-de-racismo-no-instagram/>

<sup>9</sup> Disponível em: <https://www.geledes.org.br/novo-caso-de-racismo-com-balotelli-agora-vem-do-proprio-presidente/>

<sup>10</sup> Disponível em: <https://www.geledes.org.br/goleada-inglesa-e-manchada-por-racismo-da-torcida-bulgara/>

<sup>11</sup> Disponível em: <https://www.geledes.org.br/os-campos-e-cor-um-caso-de-racismo-por-semana-no-futebol-brasileiro-em-2017/>

<sup>12</sup> Disponível em: <https://www.geledes.org.br/diafra-sakho-critica-racismo-no-west-ham-eles-nao-querem-jogadores-negros/>

Importante destacar que a literatura da área também tem analisado casos de racismo no esporte. Nesse cenário, Tralci Filho e Santos (2017) demonstraram discursos racistas e supremacistas proferidos em comentários na internet contra atletas negros(as) do tênis, principalmente a jogadora Serena Williams. Já Farias *et al.* (2020) analisaram a produção científica internacional sobre o racismo nos esportes profissionais, publicada entre 2008 e 2018, utilizando como bases de dados o Portal da Capes e revistas indexadas na área de avaliação “Educação Física” da Plataforma Sucupira. Assim, os autores concluíram que as pesquisas científicas demonstraram formas racistas de discriminação presentes em diversificadas modalidades esportivas como o futebol, basquete, beisebol e futebol americano. Além desses trabalhos, Braga, Oshima e Dalben (2019) analisaram dissertações de mestrado e teses de doutorado que mostraram casos de racismo no futebol, na capoeira e no boxe. As problematizações dessas três pesquisas reiteram as análises realizadas nas reportagens discutidas nesse artigo.

## **PAPEL DE FIGURAS E/OU PERSONAGENS DAS PRÁTICAS CORPORAIS NO COMBATE AS INJÚRIAS RACIAIS**

Esse tema tem como objetivo trazer a discussão e o reconhecimento sobre aquelas pessoas ou instituições que em primeiro plano tomaram atitudes e uma postura contra quaisquer tipos de injúrias, com destaque para o racismo.

Ao estudarmos a historiografia sabemos que por muito tempo vozes como essas foram silenciadas por ameaças e medo. Já que essa realidade ainda nos permeia, veremos cinco reportagens selecionadas do Portal Geledés no período analisado que descrevem algumas destas atitudes tomadas contra o preconceito dentro das práticas corporais.

Em 2022, uma atitude muito bem-vista foi a descrita na reportagem: “Fortaleza exhibe mosaicos contra racismo em jogo com River no Castelão<sup>13</sup>”. Como uma forma de resposta aos episódios de racismo sofridos pelos(as) torcedores(as) do time, em Buenos Aires, que aconteceram no jogo contra o River, o Fortaleza decidiu exibir dois mosaicos nas arquibancadas superiores da Arena Castelão, com mensagens contra o racismo, acompanhados das seguintes frases: “Juntos na luta” e “Stop racism” (“Pare o racismo”, em inglês). Além também do uso de faixas durante o protesto.

---

<sup>13</sup> Disponível em: <https://www.geledes.org.br/fortaleza-exibe-mosaicos-contra-racismo-em-jogo-com-river-no-castelao/>

Outra manifestação que movimentou públicos foi o acontecimento “Após polêmica, Comitê Olímpico Internacional muda postura e divulga fotos de atletas protestando contra o racismo<sup>14</sup>”, noticiado em 2021, no qual o protesto pacífico ocorreu após a polêmica em relação ao boicote às fotos dos(das) atletas ajoelhados nos Jogos Olímpicos de Tóquio, fazendo com que o COI decidisse mudar sua postura e divulgar fotos de atletas se manifestando contra o racismo.

Mais um acontecimento marcante para as práticas corporais foi noticiado em 2020, em uma reportagem intitulada “Jogadores de vários esportes nos EUA fazem boicote histórico<sup>15</sup>”. Nesse cenário, como nunca visto antes, alguns jogadores da NBA boicotaram as partidas dos *playoffs*, em razão de um protesto ligado a violência policial ao ser disparado sete tiros nas costas de Jacob Blake, um homem negro, de 29 anos, no estado de Wisconsin. Uma mobilização registrada fortemente pelas palavras dos jogadores do Bucks: “Nosso foco hoje não poderia ser no basquete”.

Mobilizações diárias, mensagens de resistência, debates sobre a brutalidade de policiais com pessoas negras, e tantos outros tópicos, estão tomando cada vez mais espaço dentro dos campos. O boicote da NBA recebeu apoio parcial em outras competições esportivas, como a liga de beisebol (Major League Baseball – MLB) e o torneio de tênis de Cincinnati, que suspendeu as partidas programadas no dia em que seriam realizadas as semifinais da competição, decisão tomada em conjunto a Federação de Tênis dos Estados Unidos (USTA), a ATP e a WTA. Essas ações foram tomadas para mostrar que situações como aquelas jamais devem ser normalizadas. Deve-se dar a devida atenção e ecoar para o mundo que não haverá lugar que tolere e lide como se nada tivesse acontecido. Haverá paralisações, mudanças, gritos e protestos. Nada será vedado de se expor.

Como vemos, é também dentro do esporte que muitas vezes encontramos exemplos de pessoas que utilizam da voz influente que possuem para repassar mensagens que precisamos ouvir, como fez o jogador de futebol Raheem Sterling em 2019, como descrito na reportagem: “Sterling escreve carta a fã do City vítima de racismo ‘tenha coragem’<sup>16</sup>”. Vítima de atos racistas em um jogo, o atacante do Manchester City Raheem escreveu uma carta a um garoto

---

<sup>14</sup> Disponível em: <https://www.geledes.org.br/apos-polemica-comite-olimpico-internacional-muda-postura-e-divulga-fotos-de-atletas-protestando-contra-o-racismo/>

<sup>15</sup> Disponível em: <https://www.geledes.org.br/jogadores-de-varios-esportes-nos-eua-fazem-boicote-historico/>

<sup>16</sup> Disponível em: <https://www.geledes.org.br/sterling-escreve-carta-a-fa-do-city-vitima-de-racismo-tenha-coragem/>

que também enfrentou problema parecido. No texto, o jogador diz para o fã Ethanter orgulho e manter a coragem.

Tudo começou quando a avó do garoto, Sue, entrou em contato com o jogador para relatar toda a preocupação que sentia diante dos diversos episódios de racismo enfrentados pelo neto, que é torcedor do City. Um exemplo de atitude e caráter.

Como dito no início do texto, esse tema possibilita o espaço de destaque ao racismo, mas como bem sabemos, muitas vezes esse tipo de preconceito não ocorre de modo isolado, mas acaba sendo acompanhado de outras questões, e diante disso temos como referência a reportagem de 2018 “Copa do Mundo de 2018 coloca racismo, machismo e homofobia em evidência<sup>17</sup>”, em que de modo inesperado, um evento esportivo como a Copa do Mundo da Rússia, decidiu expor de modo aberto tantas questões de raça, gênero e orientação sexual. Uma conduta que gerou diversos tipos de reações com a intencionalidade a construção de uma sociedade mais plural.

Como é possível perceber, as reportagens destacadas até esse momento apresentam experiências potentes que podem ser problematizadas nas aulas de Educação Física Escolar em uma perspectiva antirracista (MALDONADO *et al.*, 2021), principalmente porque os(as) atletas de diferentes práticas esportivas estão, ao longo do tempo, realizando ações concretas para combater as injúrias raciais ainda tão presentes nos espaços que organizam o esporte institucionalizado.

Em diálogo com Coelho *et al.* (2021), defendemos que a Educação Física na Educação Básica pode ser potencializada quando os(as) docentes do componente curricular realizam problematizações que colocam em evidência os processos de resistência produzidos pela negritude, desconstruindo uma prática político-pedagógica que invisibilizou e tornou o(a) negro(a) e a sua cultura secundários na organização curricular durante muito tempo.

Importante destacar que outras reportagens, que foram inseridas nessa temática, tratando a respeito de exemplos que decidiram traçar um caminho diferente e necessários para o esporte e as demais práticas da cultura corporal, como uma forma de quebrar barreiras com novos protagonistas, também foram analisadas, tais como: “F1 e FIA condenam termo racista usado por Piquet sobre Hamilton<sup>18</sup>”; “A primeira medalha olímpica da ginástica feminina é de

---

<sup>17</sup> Disponível em: <https://www.geledes.org.br/copa-do-mundo-de-2018-coloca-racismo-machismo-e-homofobia-em-evidencia/>

<sup>18</sup> Disponível em: <https://www.geledes.org.br/f1-e-fia-condenam-termo-racista-usado-por-piquet-sobre-hamilton%E2%82%AC%80%BC/>

uma mulher negra’. Daiane celebra triunfo de Rebeca Andrade<sup>19</sup>”; “O corpo negro na Educação Física escolar<sup>20</sup>”; “Atletas se unem em manifesto pela democracia e contra o racismo<sup>21</sup>”; “Com racismo crescente, Itália vence Mundiais de Clubes com atletas negros<sup>22</sup>”; “Grêmio se mobiliza para abolir o termo ‘macaco’ dos cânticos de sua torcida<sup>23</sup>”.

Em diálogo com as reportagens descritas nessa temática, Tonini (2019) realizou entrevistas com 16 jogadores de futebol negros que atuaram em ligas europeias, destacando o protagonismo desses atletas na luta contra o racismo desde 1960. Já Ferreira Júnior (2021), em sua tese de doutorado, analisou trajetórias esportivas de Alfredo Gomes, Melânia Luz, Soraia André e Diogo Silva, produzindo obras biográficas dos(das) respectivos(as) atletas, problematizando os desdobramentos da presença negra em um sistema esportivo historicamente marcado por contradições fundamentais, dentre as quais se destaca o racismo.

## LUTAS INCESSANTES CONTRA O RACISMO DENTRO DAS PRÁTICAS CORPORAIS

Este tema traz notícias que repassam mensagens de resistências e luta pela devida representatividade negra, no qual, em alguns casos, estão acompanhados também de demais questões, como o machismo, a homofobia e a desigualdade de gênero, que acabaram ocorrendo em um mesmo acontecimento noticiado dentro das práticas corporais. Dessa forma, as reportagens aqui destacadas também apontam movimentos transgressores que tentaram modificar essa realidade.

A temática em si diz respeito acerca da busca pela representatividade negra e alguns dos seus enfrentamentos persistentes em busca de espaço, voz, respeito, equidade e tantos outros fatores dentro de ambientes de cunho esportivo. No ano de 2022, uma reportagem de

---

<sup>19</sup> Disponível em: <https://www.geledes.org.br/a-primeira-medalha-olimpica-da-ginastica-feminina-e-de-uma-mulher-negra-daiiane-celebra-triunfo-de-rebeca-andrade/>

<sup>20</sup> Disponível em: <https://www.geledes.org.br/o-corpo-negro-na-educacao-fisica-escolar/>

<sup>21</sup> Disponível em: <https://www.geledes.org.br/atletas-se-unem-em-manifesto-pela-democracia-e-contra-o-racismo/>

<sup>22</sup> Disponível em: <https://www.geledes.org.br/com-racismo-crescente-italia-vence-mundiais-de-clubes-com-atletas-negros/>

<sup>23</sup> Disponível em: <https://www.geledes.org.br/gremio-se-mobiliza-para-abolir-o-termo-macaco-dos-canticos-de-sua-torcida/#:~:text=26%2F07%2F2019-.Gr%C3%AAmio%20se%20mobiliza%20para%20abolir%20o%20termo%20E2%80%9Cmacaco,dos%20c%C3%A2nticos%20de%20sua%20torcida&text=A%20agressividade%20de%20torcedores%20colorados,cl%C3%A1ssico%20entre%20Internacional%20e%20Gr%C3%AAmio.>

título “O futebol brasileiro está embranquecendo?”<sup>24</sup> nos faz pensar a respeito de uma situação já posta em nosso cotidiano como algo comum, e assim, prejudicando o nosso olhar crítico e indagador de enxergar tal fato. A discussão se trata da situação preocupante a respeito da elitização dentro das categorias esportivas em campo e o motivo de isto estar acontecendo.

Segundo a filósofa Sueli Carneiro, um dos maiores nomes do “Movimento Negro”, jovens pretos vêm sendo facilmente substituídos por garotos brancos de classe média dentro da modalidade. Nesse contexto, a BBC se encarregou de levar este questionamento a público, entrevistando quatro pessoas que atuavam ou não na área do esporte, gerando unanimidade nas respostas dos entrevistados que as pessoas negras estão perdendo espaço na prática da cultura corporal de símbolo nacional.

Mas, por outro lado, tivemos o apontamento de Marcelo Medeiros Carvalho, diretor executivo do Observatório da Discriminação Racial no Futebol, que realizou uma fala um pouco diferente: “[...] jovens negros de baixa renda continuam chegando aos clubes de futebol graças aos olheiros. Ele diz que esses profissionais podem ter perdido espaço com o avanço das escolinhas de futebol, mas não desapareceram”. E claro, ele não esteve sozinho nessa ideia, o jornalista esportivo Paulo Cesar Vasconcellos, também afirma: “[...] a elitização nas categorias de base ainda não produz efeitos visíveis no futebol brasileiro profissional”.

Diante da historiografia, há certamente diversos fatores que influenciaram este cenário que vemos hoje no futebol, não se trata somente do presente, mas também de uma trajetória manchada por preconceitos e discriminações.

Sob a mesma perspectiva do chamado embranquecimento e a busca pela equidade, a reportagem “No Brasil, apenas três surfistas profissionais são negras. Como combater o racismo na elite do esporte? Elas respondem”<sup>25</sup>, trata de um outro ponto ainda pouco visto, o debate sobre as mulheres negras no surf. Um caso em que se correlaciona questões raciais e de gênero em uma mesma notícia. Nela, uma estatística levantada em 2019 trouxe à tona o fato de que em síntese, de 30 mulheres surfistas profissionais, apenas três se autodeclararam negras. E a partir desta realidade, se deu a iniciativa da realização do 1º Encontro Nacional de Surfistas Negras e Nordestinas, no dia 23 de novembro do mesmo ano, com o objetivo de discutir

---

<sup>24</sup> Disponível em: <https://www.geledes.org.br/o-futebol-brasileiro-esta-embranquecendo/#:~:text=sobre%20a%20opini%C3%A3o%3F%20futebol%20brasileiro%20est%C3%A1%20embranquecendo%3F,espa%C3%A7o%20no%20esporte%20s%C3%ADmbolo%20nacional.>

<sup>25</sup> Disponível em: <https://www.geledes.org.br/no-brasil-apenas-3-surfistas-profissionais-sao-negras-como-combater-o-racismo-na-elite-do-esporte-elas-respondem/>

tópicos como o racismo e o machismo, de tal forma a proporcionar uma extensa troca de experiências.

A praia da Barra da Tijuca, no Rio de Janeiro, foi o local escolhido para se manifestar mais um reflexo da nossa sociedade racista e machista, quando se trata de surfistas negras e nordestinas, já que ao se averiguar a história, observamos que desde a popularização do surf a partir dos anos 1900 na Califórnia, foi-se criado juntamente um padrão californiano de surfistas, e os(as) negros(as) foram ficando de lado, chegando até mesmo a serem proibidos de surfar em certas praias. E quanto as mulheres? Aquelas vistas como fora dos padrões impostos acabavam invisibilizadas. “É uma realidade que precisamos mudar”, comenta a surfista Yanca Costa.

Peranteos mais de sete mil quilômetros de praias do nordeste ao sul do Brasil, está presente o projeto “Todas para o mar”, na praia de Maracaípe, em Pernambuco. Originado por Nuala Costa, há quatro anos, sendo ela a primeira mulher negra a representar profissionalmente o estado. A proposta busca atender mulheres e crianças em situação de vulnerabilidade social da comunidade da baía de Maracaípe.

Já a reportagem “Ser um atleta medalhista olímpico não apaga sua cor, diz ex-levantadora Fofão<sup>26</sup>” apresenta relato pessoal daquela que disputou cinco edições dos Jogos Olímpicos, ganhou três medalhas e trabalhou com os dois principais treinadores do esporte no país: José Roberto Guimarães e Bernardinho.

Hélia Souza, uma mulher negra, que cresceu na periferia de São Paulo, pegava três ônibus para treinar e traçou uma grande trajetória, em que, atualmente optou em se dedicar a projetos ligados à sua vida pessoal e profissional.

Mesmo em meio a tantos obstáculos ela não se curvou, persistiu e se tornou um exemplo de superação. A garota tímida cresceu e fez história! Em meio a derrotas e vitórias, ela não se abriu para que não houvesse pena sobre ela. E então, no seu interior, se calou, e se fez mais forte. “Ou segue em frente ou desiste”, diz Hélia.

Mas é e suma importância destacar também que “O esporte é incapaz de curar o ódio racial<sup>27</sup>”, assim como é escrito na manchete de uma reportagem no ano de 2017, no qual somos tomados por uma série de informações vistas como dignas de se debater e indagar publicamente. E como é dito: “A premissa da união entre povos e raças que fomenta o esporte é utópica”, ou seja, apenas nos traz uma rasa ideia de quietude já está amenizado e resolvido, e

---

<sup>26</sup> Disponível em: <https://www.geledes.org.br/ser-um-atleta-medalhista-olimpico-nao-apaga-sua-cor-diz-ex-levantadora-fofao/>

<sup>27</sup> Disponível em: <https://www.geledes.org.br/o-esporte-e-incapaz-de-curar-o-odio-racial/>

o que nos basta é apenas aplaudir as ações de protestos realizadas por jogadores como Michael Jordan, Jerry Rice, Magic Johnson, LeBron James, Muhammad Ali ou Carl Lewis.

Ler o mundo de forma crítica sobre as relações raciais que atravessam as práticas corporais faz parte da função social da aula de Educação Física Escolar em uma perspectiva libertadora, como apontam Maldonado e Prodócimo (2022). Assim, em diálogo com Coelho *et al.* (2020), defendemos que a gestualidade da cultura corporal vivenciada pelo povo negro e os saberes de resistência produzidos por eles e elas precisam ser estudados, reconhecidos e ressignificados nos projetos educativos sistematizados pelos(as) professores(as) de Educação Física que atuam nas escolas, na perspectiva de possibilitar a conscientização dos(das) estudantes sobre as problemáticas em tela.

Por fim, seguindo essa proposta de se buscar refletir mais a fundo certos territórios em que todos(as) os(as) atletas negros(as) não são amplamente vistos(as), temos como outro exemplo, a reportagem publicada no ano de 2016 de título “Por que a 1ª medalha de ouro de uma nadadora negra é importante<sup>28</sup>”. Mais um enfrentamento, e agora, dentro das piscinas, que por gerações nos EUA, já foi denominado como um local proibido para nadadores(as) negros(as).

Entretanto, houve aqueles que remaram contra essa maré de barreiras impostas, sendo que uma dessas pessoas foi a atleta Simone Manuel, primeira nadadora negra a ganhar uma medalha de ouro na história dos Jogos Olímpicos, se tornando também um grande modelo de inspiração. Ainda falta diversidade, faltam exemplos, mas os poucos que alcançam, nadam contra a maré na incessante busca pelo reconhecimento. “Espero que, no futuro, haja mais de nós e não apenas a ‘Simone, a nadadora negra’”, disse ela.

Assim, nadadores(as), jogadores(as), ginastas, atletas, surfistas, lutadores(as), bailarinos(as) e ex-atletas se movem socialmente para que essas lutas sejam de vez vencidas. Dessa forma, nós enquanto público, devemos apoiá-los(as) sem pensarmos duas vezes, em busca de um mundo esportivo mais justo e aberto a verdadeira diversidade cultural que o nosso país exala.

Além das manchetes já destacadas, reportagens como: “Entenda como a misoginia contra mulheres negras oprime atletas<sup>29</sup>”; “Após proibição federação reavalia uso de touca para

---

<sup>28</sup> Disponível em: <https://www.geledes.org.br/por-que-1a-medalha-de-ouro-de-uma-nadadora-negra-e-importante/>

<sup>29</sup> Disponível em: <https://www.geledes.org.br/entenda-como-a-misoginia-contramulheres-negras-oprime-atletas/>

cabelo crespo<sup>30</sup>”; “Capoeira: da marginalização à institucionalização<sup>31</sup>”; “Nós falamos, mas vocês nos ouvem? Lázaro Ramos e atletas relatam luta contra o racismo<sup>32</sup>”; “A força negra que rompeu a barreira branca nas Olimpíadas<sup>33</sup>”; “Janeth Arcain: ‘Esporte me fez superar preconceito racial e de gênero’<sup>34</sup>”, dentre outras, que dialogam com o tema, tratando a respeito de praticantes das manifestações da cultura corporal e pessoas de diferentes áreas de atuação que focaram em lutar pelas devidas justiça diante do “mundo do esporte”, cercadas por superações incessantes, em busca de uma maior voz e mudanças da estrutura societária, foram analisadas e alocadas nessa temática.

A produção científica também tem apontado para momentos históricos em que pessoas envolvidas com as práticas corporais lutaram contra o racismo. Anjos (2007) remonta a história da liga das canelas pretas em Porto Alegre no início do século XX, sendo essa competição esportiva um meio de desenvolvimento da cultura negra e diminuição das discriminações. Já Mackedanz e Rigo (2021) demonstraram a existência do Sport Club Rio Negro, agremiação esportiva fundada em 1919, que teve um papel de destaque no futebol e em outras atividades culturais da população negra na cidade de Rio Grande da época.

Portanto, em diálogo com Gomes (2021), mencionamos que as pessoas que lutam contra a discriminação racial no mundo das práticas corporais levam em consideração o racismo estrutural que nos oprime como povo, enfrentando esse fenômeno nas danças, esportes, lutas e ginásticas, na perspectiva de construir uma sociedade mais justa, equitativa e antirracista.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em virtude do que foi apresentado neste artigo, concluímos que o estudo e aprofundamento de uma temática como as relações étnico-raciais que atravessam as práticas

---

<sup>30</sup> Disponível em: <https://www.geledes.org.br/apos-proibicao-federacao-de-natacao-reavalua-uso-de-touca-para-cabelo-crespo/>

<sup>31</sup> Disponível em: <https://www.geledes.org.br/capoeira-da-marginalizacao-institucionalizacao/#:~:text=A%20Capoeira%2C%20hoje%20reconhecida%20como,as%20m%C3%BAasicas%20n%C3%A3o%20s%C3%A3o%20traduzidas>

<sup>32</sup> Disponível em: <https://www.geledes.org.br/nos-falamos-mas-voce-nos-ouvem-lazaro-ramos-e-atletas-relatam-luta-contra-o-racismo/>

<sup>33</sup> Disponível em: <https://www.geledes.org.br/a-forca-negra-que-rompeu-a-barreira-branca-nas-olimpiadas/>

<sup>34</sup> Disponível em: <https://www.geledes.org.br/janeth-arcain-esporte-me-fez-superar-preconceito-racial-e-de-genero/>

corporais deve-se fazer presente no cotidiano de todas as pessoas, já que vivemos dentro do cenário que se faz palanque de acontecimentos como estes que foram descritos e apontados.

Não se trata apenas de um conflito entre aquele que oprime e aquele que é oprimido, se trata de todos nós, enquanto população. Devemos fazer a diferença, assim como os determinados exemplos que acompanhamos no decorrer dos textos. Sejam protagonistas em busca de um mundo mais ético, justo e antirracista, seja nas práticas corporais ou em qualquer outro espaço existente na sociedade contemporânea.

Por fim, defendemos que as relações étnico-raciais que atravessam as danças, lutas, ginásticas, esportes, jogos e brincadeiras, que foram analisadas e debatidas nesse artigo, sejam problematizados nas aulas de Educação Física Escolar, podendo ser esse manuscrito uma potente produção científica para inspirar essas reflexões com as crianças, adolescentes, jovens e adultos que frequentam a Educação Básica brasileira, principalmente se as professoras e os professores do componente curricular tematizarem nos projetos educativos casos de racismo nas práticas corporais, papel de figuras e/ou personagens praticantes dessas manifestações da cultura corporal que foram importantes no combate as injúrias raciais e as lutas incessantes contra o racismo dentro das práticas da cultura corporal.

## REFERÊNCIAS

ANJOS, Jose Luiz. Futebol no sul: história da organização e resistência étnica. **Pensar a Prática**. Goiânia, v. 10, n. 1, p. 33-50, 2007. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fef/article/view/143>. Acesso em: 11/12/2022.

BRAGA, João Vitor Busquim; OSHIMA, Kevin Keiti; DALBEN, André. A produção da Educação Física brasileira sobre *fair play* e racismo no esporte: estado da arte de teses e dissertações. **Motrivivência**. Florianópolis, v. 31, n. 60, p. 1-20, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2175-8042.2019e58397>.

Acessoem: 11/12/2022.

BRAUN, Virginia; CLARKE, Victoria. Using thematic analysis in psychology. **Qualitative Research in Psychology**, v. 3, n. 2. p. 77-101. 2006. Disponível em: <https://uwe-repository.worktribe.com/output/1043060>. Acesso em: 07/05/2023.

CAVALCANTI, André dos Santos Souza. Movimentos negros e Educação Física – lutas, percursos e disputas por um protagonismo legítimo. In: CARVALHO, Rosa Malena de

Araújo; PALMA, Alexandre; CAVALCANTI, André dos Santos Souza. **Educação Física, soberania popular, ciência e vida**. Niterói: Intertexto, 2022. p. 134-148.

COELHO, Márcio Cardoso *et al.* Negritude, pedagogia crítica e Educação Física Escolar: uma possibilidade de diálogo entre Aimé Césaire e Paulo Freire. In: BOROWSKI, Eduardo Batista Von; MEDEIROS, Tiago Nunes; BOSSLE, Fabiano. **Por uma perspectiva crítica na Educação Física Escolar**: ensaiando possibilidades. Curitiba: CRV, 2020. p. 143-152.

COELHO, Márcio Cardoso *et al.* “Negras histórias que não se contam”: aproximações problematizadoras sobre negritude na Educação Física escolar crítica. In: ROCHA, Leandro Oliveira; COELHO, Márcio Cardoso; ARAÚJO, Samuel Nascimento. **Educação Física Escolar**: experiências em diálogo. Curitiba: CRV, 2021. p. 113-122.

CORSINO, Luciano Nascimento; CONCEIÇÃO, Willian Lazaretti. **Educação Física Escolar e relações étnico-raciais**: subsídios para a implementação das Leis 10.639/03 e 11.645/08. Curitiba: CRV, 2016.

FARIAS, Lennon Giulio Santos *et al.* A institucionalização do racismo contra negros(as) e as injúrias raciais no esporte profissional: o contexto internacional. **Movimento**. Porto Alegre, v. 26, n. 1, e26074, 2020. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/104354>. Acesso em: 11/12/2022.

FERREIRA JÚNIOR, Neilton de Sousa. **Olimpismo negro**: uma antologia das resistências ao racismo no esporte, por atletas olímpicos brasileiros. Tese (Doutorado). Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2021. 333p.

FORMOSO, Felipe Guaraciaba. Decolonialidade e Educação Física: epistemes e pedagogias outras como possibilidade de uma educação antirracista. **Temas em Educação Física Escolar**. Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, p. 1–16, 2022. Disponível em: <https://portalespiral.cp2.g12.br/index.php/temasemedfísicaescolar/article/view/3733>. Acesso em: 14/05/2023.

GOMES, Nilma Lino. Movimento negro educador: questões para a Educação Física e as Ciências do Esporte. In: Vago, Tarcísio Mauro; Lara, Larissa Michelle; Molina Neto, Vicente. **Educação Física e Ciências do esporte no tempo presente**: desmonte dos processos democráticos, desvalorização da ciência, da educação e ações em defesa da vida. Maringá: Eduem, 2021.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli Eliza Dalmaso Afonso. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. 6ª ed. São Paulo: EPU, 2003.

MACKEDANZ, Christian Ferreira; RIGO, Luiz Carlos. “Racismo à brasileira” no futebol rio-grandino: notas sobre a Liga Esportiva Rio Branco (1926-1930). **Cadernos de História**, v. 22, n. 37, p. 222-239, 2021. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/cadernoshistoria/article/view/24578>. Acesso em: 11/12/2022.

MALDONADO, Daniel Teixeira. **Professores e professoras de Educação Física progressistas do mundo, uni-vos!** Curitiba: CRV, 2021.

MALDONADO, Daniel Teixeira; FARIAS, Uirá de Siqueira; NOGUEIRA, Valdilene Aline. **Linguagens na Educação Física Escolar: diferentes formas de ler o mundo**. Curitiba: CRV, 2021.

MALDONADO, Daniel Teixeira; NEIRA, Marcos Garcia. O lugar da cultura negra, afro-brasileira e indígena nas aulas de Educação Física. **Caderno de Educação Física e Esporte**, Marechal Cândido Rondon, v. 19, n. 3, p. 1-7, 2021. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/cadernoedfisica/article/view/26982>. Acesso em: 07/05/2023.

MALDONADO, Daniel Teixeira; PRODÓCIMO, Elaine. Por uma epistemologia crítico-libertadora da Educação Física Escolar. **Revista Brasileira de Educação Física Escolar**. Ano VII, v. 3, p. 6-23, 2022.

MALDONADO, Daniel Teixeira *et al.* Tematização dos jogos e brincadeiras nas aulas de Educação Física no Ensino Médio: experiências educativas em uma perspectiva intercultural e antirracista. **Corpoconsciência**. Cuiabá-MT, v. 25, n. 1, p. 39-63, 2021. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/corpoconsciencia/article/view/10920>. Acesso em: 07/05/2023.

NEIRA, Marcos. **Práticas corporais: brincadeiras, danças, lutas, esportes e ginásticas**. São Paulo: Melhoramentos, 2014.

NOBREGA, Carolina Cristina dos Santos. Por uma educação física antirracista. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**. São Paulo, v. 34, n. especial, p. 51-61, 2020. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rbefe/article/view/173145>. Acesso em: 11/12/2022.

SÁ-SILVA, Jackson Ronie; ALMEIDA, Cristóvão Domingos; GUINDANI, Joel Felipe. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais**, ano 1, n. 1, jul. 2009. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/rbhcs/article/view/10351>. Acesso em: 07/05/2023.

SOUZA, Bruno Moreira. Descolonização do corpo negro nas aulas de Educação Física Escolar: corpos historicamente invisibilizados construindo liberdade. **Temas em Educação Física Escolar**. Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, p. 1 – 19, 2022. Disponível em: <https://portalespiral.cp2.g12.br/index.php/temasemedfisicaescolar/article/view/3741>. Acesso em: 14/05/2023.

TONINI, Marcel Diego. História oral e futebol: experiência de pesquisa com futebolistas negros brasileiros. In: GATTAZ, André; MEIHY, José Carlos Sebe Bom; SEAWRIGHT, Leandro. **História oral: a democracia das vozes**. São Paulo: Pontocom, 2019.

TRALCI FILHO, Marcio Antonio; SANTOS, Alessandro de Oliveira. O discurso da supremacia branca e o esporte: um estudo a partir de textos e comentários na internet. **Movimento**. Porto Alegre, v. 23, n. 1, p. 229-248, 2017. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/64497>. Acesso em: 11/12/2022.